

## O CAGÃO MISTERIOSO

Era tempo de ditadura brava (anos 70). O acontecido assucedeu-se numa dessas cidades mineiras cheias de morro acima e morro abaixo com um engenheiro que construía conjuntos habitacionais país afora para o hoje extinto BNH, o banco da casa própria, como diziam os milicos.

Ele estava tocando um conjunto de casas populares e recebeu a visita de um fiscal da obra que passou o dia todo entrando e saindo das construções, apontando defeitos e mais defeitos, ia enchendo uma planilha atrás da outra mostrando coisas a refazer, era um sujeito muito rígido. Porém, o engenheiro, que era mineiro também, foi chegando nele cheio de conversa fiada para ver se o cara amolecia. Nada, o homem era uma rocha, incorruptível. Até que convidou o cara para tomar umas cervejas à noite, fora do expediente.

Parece que encontrou o ponto fraco do sujeito, que era chegado numa “loura gelada”. Foram para um boteco próximo à construção, encostaram o carro sobre um terraço num arrimo enorme, era um daqueles bares de periferia sem paredes, só um galpão aberto com seus pilares e telheiro. Na parte de baixo, havia casas, dava para ver o telhado delas, tamanha a altura do platô onde ficava o boteco. Tomaram todas, experimentaram espetinho de gato, criticaram o técnico da seleção de futebol, contaram piadas e tudo mais, como se fossem velhos amigos.

Logo descobriram que nas casas da rua abaixo do boteco era a zona do meretrício. Mas com o bucho cheio de álcool, nem pensaram na hipótese. Depois da meia-noite, uma lua enorme a brilhar sobre as montanhas próximas, resolveram dormir. O fiscal ia para o hotel, o engenheiro prá casa que tinha alugado para escritório e alojamento enquanto durassem as obras. O engenheiro ofereceu carona, o outro aceitou prontamente, tanto pelos efeitos dos eflúvios do álcool quanto pelo desconhecimento da geografia urbana.

O engenheiro deu partida no carro e arrancou. Só que foram para trás, de ré sobre o muro dos fundos do boteco, arrebentando-o e despencando sobre a casa abaixo. Houve um estrondo monumental, parecia que o mundo estava acabando. Ouviram-se gritos, o carro vazou a casa pelo telhado, destruiu a laje de forro e caiu num quarto, ao lado de uma cama.

Quando a poeira começou a dissipar, um homem e uma mulher nus, atordoados, começaram a entender o que havia ocorrido, não havia sido uma explosão do orgasmo. Então, o homem, pelado, partiu para cima do engenheiro, que ainda estava abobalhado segurando o volante, gritando “eu te mato, eu te mato”, uma balbúrdia. Do boteco, já tinham chamado a polícia, pois a cidade não tinha bombeiro nem ambulância.

O pelado, todo coberto de pó, procurava um revólver que dizia ter deixado no paletó, querendo matar o engenheiro. E este, completamente embriagado, apenas dizia “eu pago o michê, eu pago o michê”, quando a polícia chegou para apaziguar. Os meganhas conseguiram demover o nudista a não matar ninguém, o engenheiro se comprometeu a pagar tudo: o serviço da mulher, a porcentagem da cafetina, o aluguel do quarto, o conserto da casa e tudo o mais que houvesse de prejuízo, para se livrar da ameaça e da mira do revólver do pelado.

Na confusão, os dois resolveram dormir numa das casas da zona, pois não havia clima para irem embora daquele jeito. Ficaram os dois num quarto. À noite, o engenheiro teve uma dor de barriga, procurou o banheiro e, no escuro, não encontrou. Resolveu seu problema sobre um jornal (como os “terroristas poéticos” da UNESP-Franca fizeram anos atrás com o reitor) e guardou dentro do armário, esperando o alvorecer para jogar fora. Só que, de manhã, o fiscal o

acordou cedo para ir embora logo, havia muito que fazer depois daquela confusão noturna. Esqueceu sua poesia no armário.

Dias depois, o engenheiro recebeu um bilhete na obra, provavelmente escrito por uma das quengas. Dizia mais ou menos o seguinte: “volte sempre, cagão misterioso”.

Mauro Ferreira é arquiteto